



Mensagem por ocasião do Rosário promovido pelo Comitê da Peregrinação Macerata-Loreto 13 de junho de 2020

A vida como vocação

Caros amigos, no início do *lockdown* muitos se terão perguntado: «Haverá peregrinação a Loreto este ano?». Evidentemente, a lenta saída da emergência sanitária não nos permite celebrar um gesto tão esperado por dezenas de milhares de pessoas.

A realidade irrompeu na nossa vida, impondo-nos uma mudança que nunca teríamos imaginado: o confinamento, para limitar ao máximo a possibilidade de contágio. É um sacrifício que o Mistério permitiu, como passo de um caminho para o nosso destino, passo daquela peregrinação que é a vida de um homem.

Esta circunstância tornou-nos mais conscientes da nossa necessidade e, portanto, da razão que nos teria levado a Loreto. De que necessidade se trata? Sobretudo nestes tempos, devíamos estar mais conscientes dela, para que não se verifiquem em nós as terríveis palavras de T.S. Eliot nos seus *Coros d' "A Rocha"*: «Onde está a Vida que perdemos vivendo?».

A mortificação que nos é pedida este ano, tendo de renunciar à forma habitual da peregrinação, pode tornar-se precisamente uma ocasião para alcançar a natureza desta, como diz uma nossa amiga universitária: «Isto permitiu-me compreender que talvez a peregrinação não se esgote numa única noite, mas seja um caminho que te acompanha todo o ano». Olhar assim para a circunstância atual significa entender a vida como vocação. A circunstância, com efeito, qualquer que ela seja, é a modalidade através da qual o Mistério nos chama para aprender a viver tudo.

O que é a vocação? Caminhar para o destino através das circunstâncias, «quase que [...] devia ficar suspenso de uma vontade que não conheço, instante a instante [...] suspenso do gesto desse desconhecido “senhor”, estar atento aos sinais de uma vontade que se manifesta através da pura, da imediata circunstância. Repito: o homem, a vida racional do homem devia estar suspensa do instante, suspensa em cada instante, deste sinal aparentemente tão volúvel, tão casual que são as circunstâncias através das quais o desconhecido “senhor” me arrasta, me chama ao seu desígnio. E dizer “sim” a cada instante sem ver ninguém, simplesmente aderindo à pressão das ocasiões. É uma posição vertiginosa» (L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2010, pp. 186-187).

Quem é capaz disto? É uma vertigem, precisamente. Por isso o Senhor não ficou «desconhecido». Teve piedade de nós, ouviu o grito do coração – a «necessidade de impossível» de que fala o Calígula de Camus – e revelou o Seu rosto: «*Hic Verbum caro factum est*». Na casa de Nazaré, no ventre de Maria, tornou-se carne, Cristo tornou-se objeto de experiência sensível para aqueles que O encontravam ao longo dos caminhos da Galileia. E com a Sua

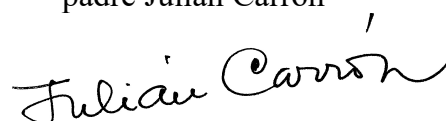
morte e ressurreição permaneceu presente e chega até nós através da carne daqueles que continua a agarrar e que nos oferece como companheiros de caminho. Foi precisamente o isolamento destes meses que – paradoxalmente – nos fez ficar surpreendidos com quem são os verdadeiros companheiros do nosso caminho, aqueles com quem iríamos de boa vontade até ao fim do mundo: pessoas que não reduzem a dimensão da nossa necessidade, que não nos distraem das perguntas fundamentais, mas as alimentam com a sua própria presença. Estes são os verdadeiros companheiros de caminho que o Mistério nos deu para que não ficássemos sozinhos e desesperados na peregrinação da vida. Para que o nada não vença em nós.

Que impressionante uma das últimas mensagens de *don* Giussani à peregrinação Macerata-Loreto! Foi em 2003: «Sempre que nos reunimos, por que é que o fazemos? Para arrancar os amigos e, se possível, o mundo inteiro do nada em que todos os homens se encontram. [...] Que, ao encontrar-nos, [...] uma pessoa se sinta como que abraçada no seu íntimo, resgatada da sua aparente nulidade, fraqueza, mesquinhez ou confusão, e se sinta como se de repente tivesse sido convidada para as núpcias de um príncipe. Nossa Senhora é como o convite de um príncipe».

Com efeito, n’Ela resplandece a vitória sobre o nada, a novidade que desafia qualquer impotência, medo ou escuridão que pesa sobre cada um de nós. Olhar para ela todas as manhãs, enquanto rezamos o *Angelus*, é o ponto de partida de cada dia, de cada tentativa de construção, agora que retomamos as atividades habituais e somos chamados – cada um onde se encontra – a dar o nosso contributo para o recomeço, sustentados por aqueles que neste período reconhecemos como tendo sido “agarrados” como Ela.

Olhemos em frente!

padre Julián Carrón

A handwritten signature in black ink, reading 'Julián Carrón'. The signature is written in a cursive, flowing style with a small apostrophe over the 'i' in 'Carrón'.

Milão, 8 de junho de 2020